Ventos de Iansã e o sentido urgente de escola em *O Pagador de Promessas*

Por Igui Leal.

> *“Mas é que no meu povoado não tem igreja de Santa Bárbara. Tem um terreiro de Iansã... E o que que tem? Não é a mesma coisa?"* — **Dias Gomes** (*O Pagador de Promessas*)
>
> *"A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade."* — **bell hooks.** (*Ensinando a transgredir*)

O que salta às emoções na adaptação de *O Pagador de Promessas*, conduzida pelo grupo TEMA, composto por estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Escola Marista Dom Silvério, é a coragem e a força coletiva em cena. Os jovens abordam uma obra repleta de provocações às instituições (como a mídia, a igreja e a polícia), trazendo à tona feridas históricas ainda abertas no Brasil.

Para dimensionar a atualidade do assunto, vale lembrar que a própria Igreja do Bonfim, na Bahia, só deixou de fechar suas portas para os tambores e cortejos de matriz africana durante a tradicional Lavagem da escadaria do Bonfim a partir de 2020. Se no plano real a instituição eclesiástica levou séculos para permitir que o sagrado popular atravessasse as suas portas, ver jovens tensionando esses mesmos dogmas de dentro de um colégio confessional prova que a encruzilhada de Zé-do-Burro continua urgente.

Mais recentemente, vimos até mesmo um candidato à presidência em 2026 promover a intolerância religiosa ao atacar o título de padroeira de Nossa Senhora Aparecida. Vale dizer que, quando eu tinha pouco menos da idade desses jovens, invadia meus olhos, com violência e horror, a imagem televisionada do então bispo Sérgio Von Helder, da Igreja Universal, chutando uma imagem da santa ao vivo na TV Record, em pleno 12 de outubro de 1995. Isto é, são infinitas e diversas memórias de violência simbólica que se cruzam com a via-crúcis de Zé-do-Burro em sua devoção a Santa Bárbara/Iansã, evidenciando como a intolerância religiosa, a espetacularização midiática e a

truculência policial presentes na obra de Dias Gomes dialogam diretamente com o nosso agora.

Sob o cuidado e a direção atenta de Ítalo Araújo, artista e professor com presença na cena teatral de Belo Horizonte, o espetáculo propõe uma experiência estética (tanto para o público presente quanto para as estudantes-artistas), encontrando um sensível ponto de equilíbrio entre o peso da dramaturgia clássica e uma encenação de frescor contemporâneo. Diante disso, não posso deixar de destacar como o FETO cumpre um papel potente ao abrir espaços de trânsito entre a criação desenvolvida nas escolas e os palcos da cidade. Muitas vezes coordenados por artistas atuantes em seus contextos, esses processos levam a pulsação da cena local diretamente para dentro da sala de aula, e vice-versa.

A força do trabalho reside no jogo teatral e na teatralidade assumida pelo coletivo na troca de papéis. Essa transição entre as personagens ocorre de forma fluida, a partir do uso de acessórios e objetos cênicos que demarcam o jogo e evidenciam quem assume cada papel. Os corpos em cena são sucessivamente ressignificados por esses elementos, exigindo um estado de presença e uma escuta coletiva notáveis.

Essa escolha de dividir as personagens por vários atuantes, que costuma ser um desafio comum no ensino das artes para dar conta do volume de estudantes, ganha nessa versão de *O Pagador de Promessas* um profundo sentido dramatúrgico. Isso se materializa de forma contundente no fim da peça: quando Zé-do-Burro morre, todas as atuantes que já haviam feito o Zé-do-Burro e a Rosa caem e morrem juntas. A cena amarra a escolha da direção para muito além de uma necessidade técnica de distribuição, criando um corpo coletivo de mártires e produzindo um belo sentido de comunidade na teatralidade do jogo.

Também destaco que o elenco é majoritariamente feminino, contando apenas com um integrante, um jovem rapaz. E é interessante porque as meninas fazem os papéis masculinos e isso acontece a partir dos objetos cênicos, sem nenhum tipo de tabu ou importância a isso. O que é importante é o que está sendo dito e

contextualizado; é a poesia que está se construindo coletivamente, é o jogo teatral. É fazer teatro!

Esteticamente, o espetáculo opera de maneira poética e sintética. A paleta de cores em tons pastéis, terrosos e verde-musgo escuro evoca não apenas o imaginário e a geografia de Salvador, mas traz para a visualidade da peça a força de Iansã e Santa Bárbara, marcando a história do sincretismo religioso no país sem precisar recorrer a literalidades. O fato de os próprios estudantes terem construído essa estética confere ao trabalho uma força criativa e uma autonomia que transbordam o palco.

A corporalidade alcançada por esses jovens evidencia a potência inegável do fazer teatral no ambiente escolar. A encenação comprova que o teatro, inserido na educação básica, não é apenas uma ferramenta de expressão, mas um direito: o direito de experimentar e habitar corpos, crenças e mundos que talvez fossem inacessíveis fora do espaço cênico. Ao transformar a arte em matéria crítica e sensível, mais do que uma simples adaptação, o espetáculo promove uma transposição contemporânea da Via-Crúcis de Zé-do-Burro, provando a atemporalidade do texto ao ampliar a percepção de fé e de sociedade, reafirmando o palco como um território essencial para a invenção e a emancipação no presente.

Diante de tudo o que foi vivido em cena, deixo um grande salve a todas essas estudantes, ao jovem ator, ao Ítalo e a toda a equipe que se mobilizou para a realização desse trabalho. Viva ao teatro na escola! Ele tem essa função forte de promover bando, coletividade, proteção, afinidade, magia e vida. Saio do espetáculo com a sensação de que, diante da crise da educação que vivemos, o teatro é um grande aliado para aproximar a sociedade da escola, recuperar e atualizar o sentido da escola (tarefa urgente) na sociedade brasileira. Na experiência viva dessas estudantes, a cena recupera uma função primordial do espaço escolar: a de cultivar o pensamento crítico, a civilidade e o respeito às diferenças. É a arte devolvendo à escola uma função coerente, corajosa e conectada com os enfrentamentos reais que a sociedade brasileira atual vem vivendo.

Referências:

GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.